

CAMINHOS PSICOTEOLÓGICOS PARA UMA VIDA ABUNDANTE DIANTE DAS ADVERSIDADES DA VIDA

Alessandra Grangeiro*

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é defender que, em se tratando de doenças da mente (alma), sistematizadas pela Psicologia Moderna, e as crises existenciais, que revelam a necessidade de o homem responder às questões “de onde vim?” e “para onde vou?” é relevante um diálogo interdisciplinar com uma perspectiva bíblico-teológica. Para isso, será feito um percurso na história da Psicologia para a compreensão da sua emergência como ciência; depois a personalidade será abordada na perspectiva da psicanálise freudiana” e, finalmente, será oferecido um caminho psicoteológico para que sujeitos possam ter resistência e superação das adversidades da vida. A pesquisa é bibliografia.

Palavras-chave: Psicologia. Teologia. Psicoteologia.

ABSTRACT

The aim of this article is to argue that, when it comes to diseases of the mind (soul), systematized by Modern Psychology, and existential crises, which reveal the need for man to answer the questions “where did I come from?” and “where am I going?” an interdisciplinary dialogue with a biblical-theological perspective is relevant. To this end, a journey will be taken through the history of Psychology to understand its emergence as a science; then personality will be approached from the perspective of Freudian psychoanalysis” and, finally, a psychotheological path will be offered so that subjects can have resistance and overcome life's adversities. The research is bibliography.

Keywords: Psychology. Theology. Psychotheology.

* Alessandra Carlos Costa GRANGEIRO. Graduada em Letras. É Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (1999/2011). Teóloga e graduanda em Psicologia pela Faculdade Assembleiana do Brasil - FASSEB. É Diretora Acadêmica da FASSEB. É professora na Universidade Estadual de Goiás – UEG. E-mail: alessandraccosta@gmail.com.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando falamos sobre conhecimento da realidade¹, necessariamente, temos que considerar o conhecimento que se denomina de senso comum. Na nossa vida, as coisas acontecem e podemos observar como acontecem. O domínio da nossa vida é, por excelência, o domínio do nosso cotidiano e essa é a nossa realidade. No nosso cotidiano, vivemos normalmente e não estamos todo o tempo refletindo sobre a nossa existência e a realidade ao nosso redor. Essa é uma tarefa da ciência, visto que ela procura compreender, controlar, elucidar, refletir e interferir neste cotidiano por meio de um estudo sistemático. Nesse caso, a realidade se transforma em objeto de investigação. A ciência vai construir, então, um conhecimento sistematizado sobre essa realidade e, para isso, precisa usar métodos próprios.

O conhecimento do senso comum, por sua vez, não tem nenhuma preocupação com métodos, pois esse conhecimento é resultante do hábito, da tradição. Aprendemos muita coisa com nossos avós e pais. Embora o conhecimento do senso comum seja importante e a ciência não o desconsidere, pois também parte e quer entender a realidade e o ser humano, ele tem limitações e, muitas vezes, se apropria de termos da ciência para dar explicações a fatos e/ou a condutas, por exemplo, quando se usa no cotidiano as expressões do tipo: “menina histérica”, “ficar neurótico”.

Entretanto, o senso comum e a ciência não são as únicas formas de conhecimento humano. A preocupação com a origem das coisas e o significado da existência humana sempre estiverem relacionados ao homem. Assim que, na Antiguidade, a primeira forma de dar explicações para a existência de todas as coisas foi o mito², ou seja, uma narrativa que explica como todas as coisas surgiram, bem como o homem. Os primeiros onze capítulos do livro de Gênesis é um mito da criação de todas as esferas da vida. Na Grécia antiga, a explicação dada pelos mais distintos mitos começou a ser substituída por especulações

¹ A bibliografia de apoio para essas reflexões iniciais será o livro *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*.

² O mito sempre é verdade no contexto em que ele é produzido. A palavra mito tem outros significados como, por exemplo, o que não é verdadeiro e uma pessoa muito importante e que marcou intensamente momentos históricos e continuou influenciando gerações.

racionais que deram origem à filosofia que pode ser entendida como um conjunto de pensamentos que explicam a origem do universo e do ser humano. A religião, nesse caso, também inclui seus mitos de fundação, sendo outra forma de conhecimento da realidade.

Nesse caso, a Bíblia é o registro do conhecimento judaico-cristão, assim como o *Livro dos Vedas* é o livro sagrado dos hindus. E, finalmente, um outro tipo de conhecimento humano é a arte. Desde a pré-história, os homens deixam marcas de sua sensibilidade por meio das criações artísticas. Por meio da arte, o ser humano pode expressar sua percepção de realidade, por meio dela, podemos conhecer tempos históricos distintos do nosso que, sem os registros deixados pelos homens, jamais poderiam ser conhecidos pelas gerações posteriores.

Então, dentre as várias formas de conhecimento existente, temos a ciência, por muitos endeusada, no entanto, tem suas limitações como qualquer outra forma de conhecimento. Qualquer pessoa que pensa que a ciência consegue dar respostas a todas as perguntas existentes acerca da existência do universo e dos homens ainda é caracterizada pela ingenuidade e ainda não conhece a história da ciência de forma um pouco mais sistematizada para saber o quanto o conhecimento da ciência é limitado e provisório. Nesse sentido, até o momento, as perguntas feitas pelos filósofos gregos permanecem sem respostas, pois a ciência não consegue dar essas respostas.

Feitas essas considerações gerais, é preciso definir o objetivo geral deste artigo: defender que, em se tratando de doenças da mente (alma), sistematizadas pela Psicologia Moderna, e as crises existenciais, que revelam a necessidade de o homem responder às questões “de onde vim” e “para onde vou”, não podemos desconsiderar o conhecimento que se encontra na Bíblia Sagrada. Curioso notar que o próprio texto sagrado não desconsidera a necessidade da busca pelo conhecimento humano, ao contrário, incentiva essa busca.

Os ensinamentos de Provérbios, por exemplo, levam a uma vida de bons relacionamentos humanos e, por isso, apresentam caminhos que, verdadeiramente, curam. Para alcançarmos esse objetivo geral, é preciso que vários específicos sejam apontados, pois, sem a abordagem deles, não conseguiríamos alcançar o geral: 1) compreender o movimento geral da história

da psicologia para contextualizar a emergência da psicologia como ciência, bem como seu afastamento das bases filosóficas e teológicas que a poderiam sustentar; 2) apresentar as matrizes teóricas da psicologia e entender que, cronologicamente, a psicanálise se sobrepõe às demais escolas de pensamento da psicologia e que não é produto das universidades e nem uma ciência pura ou aliada ao positivismo como eram as outras abordagens da psicologia; 4) apresentar as dificuldades para a definição do objeto de estudo da psicologia e demonstrar o objeto de estudo da teologia; 3) apontar que a psicologia, para alcançar seu *status* de ciência, se desligou das ideias que defendiam a existência de uma alma nos seres humanos; 4) demonstrar que o surgimento da psicologia contemporânea reflete o reconhecimento da relevância dos princípios defendidos pelas Escrituras Sagradas como a compaixão, a meditação e a espiritualidade; 5) descrever a concepção de homem para a psicologia e para a teologia e, a partir dessa descrição, apontar as sistematizações e os aperfeiçoamentos feitos por Freud, destacando os principais resultados do seu trabalho. Para o desenvolvimento desses objetivos, este artigo será dividido em três tópicos: o primeiro, intitulado “História da Psicologia e sua emergência como ciência”; a segunda, “A personalidade na perspectiva da psicanálise freudiana” e, finalmente, a terceira, “Caminhos psicoteológicos para a resistência e a superação das adversidades da vida”.

2. HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E SUA EMERGÊNCIA COMO CIÊNCIA

Como forma de conhecimento da realidade, a ciência, segundo Bock, “compõe-se de um conjunto de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade – o objeto de estudo – expressos por meio de uma linguagem precisa e rigorosa.” (BOCK et al., 2023, p. 7) Além disso, o conhecimento resultante da ciência precisa ser planejado, sistemático e controlado para que tenha a verificação de sua validade. Nessa acepção de ciência, houve muitas discussões acerca da validade da Psicologia, no caso do presente artigo, a Psicologia de Freud como conhecimento científico. Curioso notar que a Teologia, banida das principais universidades que ela mesma ajudou a fundar, pelos critérios excludentes do positivismo da ciência, parece estar fazendo falta, porque aborda o homem como um ser que transcende.

Notadamente, a Psicologia como ciência não reúne em um só paradigma seus principais teóricos. Isso a enriquece e torna possível, inclusive, o diálogo psicoteológico ora proposto. Suas diferentes abordagens ora apresentam semelhanças, ora inconciliáveis diferenças e essa dificuldade se intensifica quando se fala do objeto de estudo da Psicologia, posto que trata da subjetividade humana em suas variadas matizes. Apesar dessas dificuldades de reconhecimento marcadamente científico da Psicologia, ela, cada vez mais, tem aumentado o número de estudantes nas faculdades e, cada vez mais, há uma procura pelos psicólogos na esperança de que eles ajudem os serem humanos nas suas angústias e falta de sentido na vida. Situação diferente aconteceu com a Teologia, o prestígio que tinha no século XII na ocasião da criação da Universidade de Paris foi declinando até quase perder espaço no meio acadêmico.

Para falarmos do objeto de estudo da Psicologia, é preciso ter em mente que, sendo uma ciência humana, o investigador é da mesma natureza do objeto observado, ou seja, outro ser humano. Assim, a objetividade e a neutralidade pretendidas pela ciência em seu início torna complexa essa tarefa. Além disso, para a definição do objeto de estudo da Psicologia, é preciso definir a abordagem a partir de sua epistemologia, pois, se o psicólogo for da linha comportamental, o objeto inicial era somente o comportamento observável, ainda que esse ser observado seja caracterizado por motivações profundas, e subjetividade dificilmente apreendidas por meio desta abordagem. No entanto, se for um psicólogo psicanalista o objeto de estudo será o inconsciente que, jamais, poderá ser apreendido objetivamente, dada sua complexidade.

O termo Teologia é formado por duas palavras gregas, gregas *theos* (Deus) e *logos* (palavra); nesse caso, Teologia, segundo MacGrath (2005), seria “discursar sobre Deus” assim como a “biologia” é discursar sobre a vida (*bios*)” (McGRATH, 2005, p. 175). Mas é preciso uma definição mais precisa e neste caso seria uma reflexão acerca do Deus em quem os cristãos creem, obedecem e adoram. Entretanto, no século XII e XIII, com o desenvolvimento da Universidade de Paris, a Teologia abrangia a totalidade da doutrina cristã e não somente a doutrina de Deus; por conta dessa ampliação, a Teologia alcançou o *status* de ciência da fé, ou seja, é a explanação e a explicação consciente e metódica da

revelação divina, recebida e compreendida pela fé. Nesse caso, assim como a Psicologia, a Teologia, embora tenha a Bíblia como objeto de estudo, tem uma diversidade de objetos, visto que ela, também como a Psicologia, tem várias áreas: bíblica, filosófica, histórica e prática. Ainda como a Psicologia, a Teologia sofreu ataques por conta que não consegue atender aos requisitos das ciências naturais, marcadamente influenciadas pelo racionalismo iluminista. Segundo McGrath,

Com o surgimento do Iluminismo, no século XVIII, particularmente na Alemanha, começou-se a questionar o lugar da Teologia no meio universitário. Os escritores iluministas alegavam que a pesquisa acadêmica deveria ser livre da influência de qualquer tipo de autoridade externa. A Teologia era encarada com suspeita, pelo fato de ser vista como algo que se baseava em “artigos de fé”, como os existentes nos credos cristãos ou na Bíblia. A teologia passou progressivamente a ser vista como algo ultrapassado (...). Uma das justificativas mais sólidas em defesa da necessidade da existência de faculdades de teologia foi dada por F. D. E. Scheiermacher, no início do século XIX, que defendia ser essencial para o bem tanto da igreja, quanto do Estado, que se tivesse um clero bem instruído (MCGRATH, 2005, p. 178).

Além da problemática da diversidade de objetos de estudo, o conhecimento científico é cumulativo e aspira à objetividade, por isso, suas conclusões devem ser passíveis de verificação. De forma resumida o que diferencia a ciência dos outros conhecimentos, segundo Bock, é o seguinte: “objeto específico, linguagem rigorosa, métodos e técnicas específicas, processo cumulativo do conhecimento e objetividade” (BOCK et al. 2023, p 7).

Dentro dessa acepção de ciência, que é extremamente positivista, dificilmente, pelas razões apontadas anteriormente, a Psicologia pode ser definida como ciência a não ser no sentido *lato* do termo como conhecimento sistematizado e o mesmo ocorre com a Teologia. Por conta dessas dificuldades com o objeto de estudo e a ausência de paradigmas na Psicologia fala-se em diversidade de objetos de estudo da Psicologia:

Se dermos a palavra a um psicólogo comportamental, ele dirá: “O objeto de estudo da Psicologia é o comportamento humano”. Se a palavra for dada a um psicólogo psicanalista, ele dirá: “O objeto de estudo da

Psicologia é o inconsciente”. Outros dirão que é a consciência humana, e outros, ainda a personalidade (BOCK et al. 2023, p. 8).

E de uma forma mais resumida fala-se em estudo da subjetividade que, para a Psicologia moderna, substitui o que era conhecido, desde a Antiguidade grega, como alma humana o que, contraditoriamente, desconsidera o significado do termo psicologia: do grego *psyché*, que significa alma, e *logos*, que significa razão. De acordo com Bock, alma ou espírito era a parte imaterial do homem e abarcaria “o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação, e a percepção” (BOCK et al., 2023, p. 22). Adiante veremos que, da perspectiva bíblico-teológica, essa parte imaterial não é, de forma nenhuma, desconsiderada, pois o homem é formado de espírito, alma e corpo (2Ts 5. 23).

A Psicologia como ciência se desliga das ideias que defendiam a existência de uma alma nos seres humanos. Nesse ponto, apresentamos um questionamento: a Psicologia, como ciência que estuda os seres humanos, seus processos mentais, sua subjetividade, seu comportamento têm conseguido dar respostas às crises existenciais, às crises de ansiedade, às crises de depressão que têm assolado o mundo contemporâneo? Essa pergunta pode ser facilmente respondida pelos dados que são apresentados pela Organização Mundial de Saúde³. Considerando que os dados dessa organização respondem negativamente ao questionamento, ou seja, têm demonstrado que o número de casos de ansiedade e de depressão tem aumentado, a hipótese que se tem em mente é que, desde o Renascimento, momento em que os valores greco-romanos foram resgatados e utilizados como base para a reflexão sobre o mundo e o homem e, por consequência, se elimina a perspectiva bíblico-teológica para essa

³ Segundo a OMS, a prevalência de depressão na rede de atenção primária de saúde é 10,4%, isoladamente ou associada a um transtorno físico. De acordo com a OMS, a depressão situa-se em 4º lugar entre as principais causas de ônus, respondendo por 4,4% dos ônus acarretados por todas as doenças durante a vida. Ocupa 1º lugar quando considerado o tempo vivido com incapacitação ao longo da vida (11,9%). A época comum do aparecimento é o final da 3ª década da vida, mas pode começar em qualquer idade. Estudos mostram prevalência ao longo da vida em até 20% nas mulheres e 12% para os homens. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao#:~:text=Segundo%20a%20OMS%2C%20a%20preval%C3%AAncia,as%20doen%C3%A7as%20durante%20a%20vida>. Acessado em 21 de abril de 2023.

explicação, o nível de desajustamento mental tem sido crescente e, para dar respostas, a esse desajustamento, surge a Psicologia, conforme nos aponta Bock: “a Psicologia é produto das dúvidas do homem moderno, esse humano que se valorizou enquanto indivíduo e que se constituiu como sujeito capaz de se responsabilizar e escolher seu destino” (BOCK et al., 2023, p. 30).

Iludido de que é um “sujeito capaz de se responsabilizar e escolher seu destino”, o homem se perde em meio às suas crises existenciais que lhe tiram por completo o sentido da existência humana tão buscado pela Logoterapia, sentido que não se encontra em Deus. O ápice do abandono da perspectiva bíblico-teológica é o Iluminismo⁴. Se a Psicologia considera que os seres humanos não têm alma, embora, atualmente, uma vertente da psicologia tem explorado a espiritualidade como parte importante da saúde humana, mas apenas subjetividade, ou seja, ser humano-corpo, ser humano-afeto, ser-humano-ação, vamos esperar pelos novos paradigmas da Psicologia e ver se ela vai dar conta de dar respostas aos dilemas vividos pelo homem contemporâneo, pois, com os paradigmas atuais, as evidências mostram que o sofrimento e o desespero humano só aumentam e o contexto pós-pandemia é uma prova disso.

Enquanto surgem os novos paradigmas, como teóloga, não posso deixar de apontar que a Bíblia⁵ é a principal fonte de estudos da Teologia, dentre outras fontes, mas resultantes dela, tais como a razão, a tradição e a experiência religiosa, visto que por meio dela temos a revelação de Deus acerca de si mesmo e o relato da iniciativa divina de estabelecer um relacionamento permanente com o homem, para que o homem, criado por Ele, à sua imagem e semelhança, tenha uma vida abundante e, por isso, seja capaz de resistir e de superar as adversidades da vida e nela encontrar sentido.

⁴ Movimento cultural europeu do século XVII e XVIII. Desejava gerar mudanças significativas na política, na economia e na sociedade de uma forma geral. Tinham a crença básica no desenvolvimento da humanidade por meio da razão e, por isso, questionavam o pensamento religioso.

⁵ O século XVI foi um período importante da Teologia cristã ocidental, visto que a igreja se volta a fundamentos mais bíblicos para estruturar seu sistema de crenças, sua moralidade e sua estrutura. Os progressos da Teologia nesse período resultaram de debates sobre as fontes da Teologia Cristã e das doutrinas delas resultantes. Por consequência, a Bíblia se tornou fonte primária e essencial. O lema, nesse período, para os teólogos era *sola scriptura*, “crença fundamental de que as Escrituras eram a única fonte necessária e suficiente da teologia cristã” (MCGRATH, 2002, p. 105).

O estudo da História da Psicologia, segundo Duane P. Shultz e Sydney E. Shultz (2020) em *História da Psicologia Moderna*, é a maneira mais sistemática de integrar as áreas e as questões da psicologia moderna. A psicologia é, ao mesmo tempo, uma disciplina antiga e nova. Antiga porque temas de interesse dela como a memória, a aprendizagem, a motivação, o pensamento, a percepção e o comportamento anormal são pensados desde o século V a. C. por Platão e Aristóteles que se interessavam, dentre várias outras questões, pela natureza e pelo comportamento humano. A diferença entre a antiga e a nova psicologia está nos métodos utilizados pela nova, visto que ela incorporou os utilizados nas ciências biológicas e físicas que resultam da observação e da experimentação.

No caso da psicologia, esses métodos passaram a ser utilizados para estudar a mente humana e, partir daí, foi havendo, continuamente, o desenvolvimento de ferramentas, técnicas e novos métodos, mais adequados à realidade psíquica.

A nova psicologia surgiu há, cerca, de 200 anos da filosofia e de outras abordagens científicas emergentes, tais como a fisiologia. Desde o século XVII, os métodos das ciências físicas já foram aplicados ao estudo dos fenômenos mentais. No caso dos fisiologistas, havia a compreensão de era preciso entender os mecanismos corporais, visto que eles estão subjacentes aos processos mentais. Durante todo esse tempo de existência da psicologia como ciência, a discussão sobre o seu *status* de ciência nunca deixou de ser discutido, dadas as particularidades do seu objeto de estudo e dos métodos utilizados.

A história da psicologia, por considerar a evolução dessa área de conhecimento ao longo da história, não pode deixar de considerar, conforme apontado pelos autores citados anteriormente, o espírito do surgimento dela, ou seja, o seu *Zeitgeist*, as forças sociais, econômicas e políticas que atuam e influenciam na consolidação do espírito de época dominante que passa a ser incorporado em todas as áreas de conhecimento humano: na arte, na política, na ciência etc. Dessa forma, situações de emprego/desemprego, guerras, preconceito e discriminação influenciaram muito a expansão da psicologia e a fez sair dos limites acadêmicos, de laboratórios, e ser aplicada na solução de problemas reais: sociais, educacionais e industriais.

A história moderna da psicologia surge, portanto, a partir dos precursores filosóficos e fisiológicos da psicologia experimental. Depois, surgem a psicologia de Wilhelm Wundt e o estruturalismo. Depois do estruturalismo, o funcionalismo, o behaviorismo e a psicologia da Gestalt. As escolas posteriores ao estruturalismo serão sempre uma evolução dele ou uma reação a ele. Paralelamente a essas escolas de pensamento, a psicanálise se consolida a partir de objetos de estudo e metodologia diferentes. A psicanálise incorpora a noção de inconsciente, conceito já bem divulgado antes de Freud, e faz intervenções médicas para tratamento de distúrbios mentais, ou seja, o objeto de estudo da psicanálise é o comportamento anormal e o método é a observação clínica e, a partir da observação, faz-se uma interpretação do observado e do ouvido pelo paciente por meio da associação livre. O conceito de inconsciente, apesar de já propagado, era ignorado pelas outras abordagens da psicologia, visto que as forças inconscientes não eram passíveis de serem investigadas por meio do método introspectivo, definido por Wundt.

Na ocasião em que Freud publicou seu primeiro livro, Wundt tinha 63 anos. Titchener estava começando a desenvolver a psicologia estrutural, o funcionalismo começava a florescer nos Estados Unidos. Porém nem o Behaviorismo e nem a psicologia da Gestalt, desenvolvida na Alemanha, haviam sido propostos. Watson, precursor do Behaviorismo, estava com, apenas, 17 anos.

Todas as escolas de psicologia, com exceção da psicanálise, apesar de terem divergências, compartilhavam de uma herança acadêmica e tinham a inspiração, mesmo que se opusessem a ele, em Wundt. Conceitos e métodos científicos foram aprimorados em laboratórios, bibliotecas e salas de conferências e todas abordavam temas como a sensação, a percepção e a aprendizagem. Apesar da diferença de objeto de estudo e de metodologia da psicanálise em relação às outras abordagens, toda a psicologia sofreu influência do paradigma científico estabelecido por Galileu (1564-1642) e Newton (1642-1727).

O espírito do mecanicismo, o *Zeitgeist* dos séculos XVII ao XIX, foi a base que nutriu a nova psicologia. Esse espírito enxergava o universo como uma grande máquina, organizada e precisa, e, por isso, os processos naturais, sendo

mecânicos, eram passíveis de explicação por meio das leis da física e da química. O relógio mecânico era a grande atração e figura para esse espírito do século XVII. Para entender a estrutura e o funcionamento do relógio era preciso desmontá-lo. O conceito de reducionismo, redução às partes mais simples para entender o mundo físico, passou a caracterizar toda a ciência, inclusive, a nova psicologia. Nas palavras de Schultz e Schultz,

O relógio mecânico foi a metáfora perfeita para o espírito do mecanicismo do século XVII. O historiador Daniel Boorstin referia-se ao relógio como a “mãe das máquinas” (Boorstin, 1983, p. 71). O relógio foi a sensação tecnológica do século XVII, tão surpreendente e influente como os computadores iriam se tornar no século XX. Nenhum outro dispositivo mecânico provocou tanto impacto no pensamento humano e em todos os níveis da sociedade. Na Europa, os relógios eram produzidos em grande quantidade e variedade. (SCHULTZ e SCHULTZ, 2020, p. 23)

Dentro desse contexto, o ser humano também era visto como máquina e, então, surgem os autômatos como modelos para os seres humanos. O ser humano funcionava, dessa forma, como o universo e tinha o mesmo mecanismo do relógio. Estava aberto o caminho para o entendimento de que o funcionamento e o comportamento humano eram governados por leis mecânicas e de que os métodos experimentais e quantitativos seriam eficazes e aplicáveis ao estudo da natureza humana. Da mesma forma, seria pensado o funcionamento mental: o homem é uma máquina capaz de pensar.

De forma geral, as influências anteriores sobre a psicanálise são, segundo Schultz e Schultz, as seguintes: especulações filosóficas a respeito do fenômeno psicológico inconsciente (Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716); as primeiras ideias sobre a psicopatologia e a teoria da evolução. Johann Friedrich Herbart (1776-1841) aprimorou a noção de inconsciente de Leibniz; portanto, as discussões sobre esse conceito faziam parte do *Zeitgeist* intelectual europeu da década de 1880, quando Freud iniciou sua prática clínica, e estava presente, inclusive, na literatura como é o caso do romance *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson. Freud reconhece que filósofos e escritores abordaram essa noção antes dele, mas alegava ser o descobridor da forma científica para o estudo dele, embora essa forma sempre tenha sido questionada.

A história do tratamento de doenças mentais data de 2000 a. C. e foi marcada por situações deprimentes e desumanas. Só a partir do século XVI começam as buscas para um tratamento mais respeitoso. Durante todo o século XIX, os psiquiatras se dividiam entre duas visões: a somática e a psíquica. A primeira entendia que o comportamento anormal era resultante de causas físicas: lesão cerebral, falta de estimulação nervosa, tensão excessiva dos nervos, muito ou pouco sangue. A segunda entendia que era resultado de causas psicológicas e emocionais. A psicanálise está de acordo com a segunda visão. A hipnose também impulsionou o enfoque nas causas psíquicas do distúrbio mental.

A influência de Darwin também foi decisiva para a sistematização e a consolidação da psicanálise feitas por Freud. Segundo Schultz e Schultz, “Darwin discutiu várias ideias usadas posteriormente por Freud como temas centrais da psicanálise até conflitos e processos mentais inconscientes, significado dos sonhos, simbolismo oculto de alguns comportamentos e a importância do impulso sexual” (SCHULTZ e SCHULTZ, 2020, p. 321). Também abordou sobre o desenvolvimento infantil e afirmou que os seres humanos são conduzidos pelas forças biológicas do amor e da fome, o que considerava a base do comportamento e, ainda, afirmou ser o sexo a motivação humana básica.

Embora pouco difundido, os estudos sobre sexualidade eram muito frequentes no século XIX. A questão da sexualidade infantil, o amor dos filhos pelos pais do sexo oposto, e a importância da catarse – Breuer, amigo e professor de Freud, denominou o método catártico, para o tratamento das dificuldades emocionais, - também já eram conhecidos antes de Freud. O que ele fez, conforme já dito, foi sistematizar e aperfeiçoar as discussões que estavam em voga e, além disso, criou a técnica de livre associação: o paciente no divã fala livremente e espontaneamente e o analista o ajuda a interpretar esses dados.

Dessa forma, o método de investigação “caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifestado por meio de ações e palavras ou pelas produções imaginárias, como os sonhos, os delírios, as associações livres, os atos falhos” (BOCK et al., 2023, p. 38) e a prática profissional refere-se à busca de autoconhecimento por meio da análise.

3. O SISTEMA DE PERSONALIDADE DA PSICANÁLISE

Na busca do autoconhecimento, na psicanálise, o paciente falava livremente, mas, muitas vezes, o analista percebia que o que era esquecido pelo paciente era penoso e ainda algumas lembranças faziam com que ficasse embaraçado e/ou envergonhado. À força psíquica que tentava impedir algum pensamento de se tornar consciente, Freud chamou de resistência. E o processo psíquico que visa encobrir e/ou fazer desaparecer da consciência ele chamou de repressão e esses conteúdos psíquicos se encontram no inconsciente.

Em 1900, na obra *A interpretação dos sonhos*, Freud apresentou a primeira concepção sobre a estrutura e o funcionamento psíquico. Segundo ela, há três instâncias psíquicas: a inconsciente, a pré-consciente e a consciente. A primeira diz respeito aos conteúdos reprimidos, é atemporal e não conhece as noções de tempo: passado, presente e futuro; a segunda, aos conteúdos acessíveis à consciência, apesar de não estar já na consciência, pode vir a estar a qualquer momento; a terceira recebe informações, ao mesmo tempo, do mundo exterior e do interior; nessa instância, tem destaque o fenômeno da percepção.

No que diz respeito à sexualidade infantil⁶, Freud define várias fases: a oral, primeira fase, a zona de erotização é a boca e está ligada à sucção; a anal, nessa fase, a zona de erotização é o ânus, tempo do controle esfinteriano; a fálica, a zona de erotização é o órgão genital, fase em que a masturbação é exploratória e é nela que há o ápice e o declínio do complexo de Édipo; esse complexo é um evento de destaque, visto que é em torno dele, segundo Freud, que ocorre a estruturação da vida psíquica do sujeito, na idade de 3 a 5 anos; o período de latência é o tempo que se caracteriza pela diminuição das atividades sexuais, na idade de 5 ou 6 anos e a genital, última fase do desenvolvimento sexual, é atingida na puberdade; nessa fase, o objeto de erotização já não é mais o próprio corpo, mas o do outro. Com esse estudo, procurava entender as causas e o funcionamento das neuroses e descobriu que boa parte delas tinha relação com conflitos de ordem sexual que, ocorridos no período da infância, deixavam marcas profundas na estruturação da pessoa na fase adulta. Essas afirmações, portanto, colocam a sexualidade no centro da vida psíquica.

⁶ Importante ressaltar que não se trata aqui de sexualidade no que diz respeito à sexo, mas das necessidades básicas da criança em cada faixa etária.

Segundo Bock et al (2023), para se compreender as descobertas fundamentais de Freud, alguns conceitos devem ser esclarecidos. Inicialmente, Freud entendia que todos os relatos que os pacientes faziam a ele, de fato, tinham ocorrido, mas logo percebeu que alguns eram imaginados, mas, mesmo imaginados, quando narrados, pareciam, de fato, que eram realidade e, por isso, aquilo que, para o indivíduo assume valor de realidade é realidade psíquica, mesmo que seja divergente da realidade objetiva.

O funcionamento psíquico é concebido a partir de três pontos de vista que devem ser considerados simultaneamente: o econômico, o tópico e o dinâmico. O primeiro diz respeito à quantidade de energia que alimenta os processos psíquicos. O segundo diz respeito ao “lugar” psíquico: sua natureza e sua forma de funcionamento e o terceiro diz respeito às forças que entram em conflito e estão sempre ativas cuja origem é a pulsão, que é um estado de tensão que busca, por meio de um objeto, a supressão desse estado. A pulsão pode ser de vida, Eros, ligada às pulsões sexuais e às de autoconservação, e de morte, Tânatos, que pode ser autodestrutiva. Finalmente, um último conceito é o de sintoma, que é resultado do conflito psíquico, pode ser um comportamento ou um pensamento. O sintoma, ao mesmo tempo que aponta para o conflito, tenta encobri-lo e ele é o ponto de partida da investigação psicanalítica.

Entre 1920 e 1923, Freud acrescenta, em sua segunda tópica, a teoria do aparelho psíquico e faz a seguinte divisão da vida mental: o id, inconsciente, relacionado aos instintos agressivos; o ego é o mediador, o facilitador da interação entre o id e as circunstâncias do mundo externo e às ordens do superego. O ego é o aspecto racional da personalidade e é o responsável pelo controle dos instintos. Tem consciência da realidade, obedece ao princípio de realidade e regula o id e, finalmente, o superego, já mencionado, é o aspecto moral da personalidade, o produto da internalização dos valores e padrões morais recebidos dos pais e da sociedade. Nos limites do superego é que se introduz a ideia do sentimento de culpa que passa a existir cada vez que o sujeito transgride às ordens do superego e, para a psicanálise, esse sentimento origina-se na passagem pelo complexo de Édipo. A compreensão da história pessoal do sujeito é sempre importante para que haja uma compreensão de seus afetos e pulsões.

Alguns acontecimentos do mundo exterior ou do interior podem ser dolorosos e/ou constrangedores para o sujeito e, por isso, os sujeitos criam alguns mecanismos de defesa como, por exemplo: recalque, esse mecanismo suprime uma parte da realidade; formação reativa é um mecanismo caracterizado pela aderência a um pensamento contrário àquele que foi, de alguma forma, recalcado; regressão é o processo de retorno a uma fase anterior do desenvolvimento, onde as satisfações eram mais imediatas, ou o desprazer era menor; projeção é o deslocamento de um impulso interno para o exterior, ou do indivíduo para outro. Os conteúdos projetados são sempre desconhecidos da pessoa que projeta, justamente porque tiveram de ser expulsos, para evitar o desprazer de tomar contato com esses conteúdos e racionalização, nesse mecanismo, o ego coloca a razão a serviço do irracional. A defesa é a operação pela qual o ego exclui da consciência os conteúdos que são indesejáveis, protegendo, assim, o aparelho psíquico. O recalque é o mais radical mecanismo de defesa, os outros são deformações da realidade. Segundo Bock et al (2023, p. 45),

a característica essencial do trabalho psicanalítico é o deciframento do inconsciente e a integração de seus conteúdos na consciência. Isso porque são esses conteúdos desconhecidos e inconscientes que determinam, em grande parte, a conduta das pessoas e dos grupos – as dificuldades para viver, o mal-estar, o sofrimento ou seu modo de obter satisfação.

A finalidade, portanto, da psicanálise é levar os sujeitos ao autoconhecimento e levá-los a entender quais são os conteúdos inconscientes que os têm levado a determinados comportamentos e/ou pensamentos. Atualmente, inclusive no Brasil, tem havido discussões acerca do alcance social da prática clínica para que possa atender à sociedade de uma forma mais ampla. A questão é buscar possibilidades de intervenção social para a superação do “mal-estar da civilização” que se incorpora ao sofrimento do sujeito. A expressão da título a um dos escritos de Freud ao observar a realidade caótica do início do século XX. Imagine se ele a vivesse agora. O método psicanalítico, como já mencionado, é o interpretativo. Esse método busca ir além das aparências e alcançar as motivações mais profundas do indivíduo, por isso, a história pessoal sempre é essencial.

4. CAMINHOS PSICOTEOLÓGICOS PARA A RESISTÊNCIA E A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES DA VIDA

Quando se fala em personalidade humana, é preciso entender acerca da concepção de homem a partir dos pressupostos bíblico-teológicos. Primeiro, o homem é uma criação de Deus, “foi feito alma vivente” (Gn 2. 7). Foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-27), mas, influenciado pela serpente, desejou ter conhecimento do bem e do mal e, por isso, desobedeceu à ordem que Deus tinha dado a Adão: não comer do fruto da árvore do conhecimento (Gn 2. 17). Esse fato, pecado, que é a violação de uma norma, um preceito, separou o homem, criatura, do seu criador, Deus, e essa ação provocou os sofrimentos mais terríveis, pois, desde então, vive caminhos que não são os caminhos preparados para ele. Deus, conhecedor de todos os tempos, já havia preparado, desde a fundação do mundo, um plano que resgataria o homem dessa sua condição de queda e restabeleceria a comunhão perdida com o homem por meio do sacrifício do seu filho, Jesus Cristo, na cruz do calvário (Ef 1. 4).

A partir da perspectiva bíblico-teológica, não se pode pensar o homem sem considerar sua condição pecaminosa; segundo o *credo*⁷ das Assembleias de Deus, cremos⁸ na “pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus” (Rm 3.23; At 3.19). O resultado do arrependimento e a fé na obra de Jesus é o novo nascimento em Cristo por meio do poder atuante do Espírito Santo de Deus. A partir do novo nascimento, há a

⁷ *Credo* é uma expressão latina que significa *creio*. Segundo a explicação de Ferreira (2011), é uma fórmula fixa que resume os artigos essenciais da religião cristã e tem a sanção, ou seja, o apoio, da igreja, representada pela sua liderança. Esse credo é construído ao longo da história da igreja e, portanto, faz parte da tradição que dá sustentação a ela.

⁸ Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Disponível em: <http://adanapolis.com.br/home/no-que-cremos/> e <http://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-fe-das-assembleias-de-deus.pdf>. Acesso 30 de janeiro de 2019. O credo acima foi copiado da Declaração de fé da Madureira, mas há itens em que acrescentamos informações do credo da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) que, em sua essência, em nada difere do da Madureira, mas somente acrescenta mais informações. Julgamos importante acrescentar dois itens que estão no da CGADB e não estão no da Madureira e temos a convicção de que é também um credo dela. Cremos: Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, una, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17) e cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2

disposição do sujeito de aprender com Jesus que é “manso e humilde de coração” e, por isso, tem uma promessa de Jesus, “encontrará descanso para a alma” (Mt 11. 29); conforme vimos, o conceito de alma foi retirado dos estudos da Psicologia para que esta alcançasse o *status* de ciência; porém a permanência desse conceito numa perspectiva bíblico-teológica é imprescindível para que o homem tenha paz e vida abundante: “eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (Jo 10.10).

Nesse ponto, é interessante notar que o conceito de alma foi eliminado da Psicologia por não ser passível de verificação empírica, mas, também em oposição à Psicologia experimental, o conceito de inconsciente, também não passível de verificação experimental, ganhou o imaginário no século XX e, por incrível que pareça, do ponto de vista bíblico-teológico, nos parece que esse conceito é verdade, se não nos moldes sistematizados por Freud, pelo menos na crença de que há algo no ser humano que, realmente, lhe escapa: “Como águas profundas é o conselho no coração do homem; mas o homem de inteligência o tirará para fora” (Pv 20. 5); “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos” (Sl 139. 23); “Diante de ti puseste as nossas iniquidades; os nossos pecados ocultos, à luz do teu rosto” (Sl 90.8).

A técnica da associação livre desenvolvida por Freud e manifestada por uma de suas pacientes (*talking cure*) permite que o homem, pela fala, tenha uma experiência de autoanálise: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo (...) Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1Co 11. 28-31). E a fala, considerando a condição de queda, de pecador, cura: “Confessai as vossas culpas uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis; a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg 5. 16).

Nossa confissão não, necessariamente, será um pecado como se costuma apontar como adultério, prostituição, assassinato, roubo etc. O que tem adoecido as pessoas, além desse tipo de conduta, ligado também à noção de limites, é o afastamento de ensinamentos que Deus propôs para aqueles que estão em Cristo e que deveriam, por meio deles, se tornarem novas criaturas. O apóstolo Paulo nos orienta a não nos conformarmos com este mundo, mas nos transformar pela renovação do nosso entendimento para que experimentemos qual seja “a boa,

agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12. 2). A palavra de Deus nos diz que toda a sua lei se resume em amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a nós mesmos, mas Jesus nos deu um novo mandamento: “Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros ameis” (Jo 13.34).

Considerando o texto de Romanos para não nos conformarmos com este mundo, precisamos entender as características do nosso tempo para percebermos o quanto estamos envolvidos nele, o quanto estamos permitindo que os valores do mundo façam parte das nossas vidas. Somente dessa forma poderemos resistir às mudanças e permanecer arraigados aos fundamentos da palavra de Deus.

A fluidez é a grande metáfora para a compreensão do nosso presente⁹ estágio¹⁰. Fluidez é a qualidade de líquidos e de gases e eles se diferenciam dos objetos sólidos porque podem sofrer uma constante mudança de forma. Os líquidos não mantêm sua forma. O que é fluido não se fixa no espaço e nem se prende ao tempo como os sólidos. O que é sólido tem uma dimensão espacial clara, o que é fluido, por não ter forma e, portanto, uma dimensão no espaço, sempre muda suas formas e se move facilmente. A mobilidade dos fluidos, dos líquidos e dos gases, é o que os liga à leveza. Leveza traz a ideia de inconstância. A nossa modernidade é considerada como o “derretimento dos sólidos” (BAUMAN, 2000, p. 9).

No mundo atual, os casamentos não duram, os filhos não obedecem aos pais, os funcionários se rebelam contra seus patrões, as mulheres não respeitam a seus esposos, os esposos não respeitam a suas esposas. As relações são líquidas, elas facilmente se desfazem e outras relações, também líquidas, são estabelecidas. O resultado é crise existencial, depressão, angústia, pois nossos relacionamentos duradouros nos dão estabilidade emocional, psicológica e espiritual e isso é tudo de que precisamos para sermos felizes e termos paz na

⁹ Alguns trechos dessa parte foram retirados do livro **Discipulador: sua base e seu crescimento** de GRANGEIRO e FERREIRA.

¹⁰ O intelectual que criou essa metáfora se chama Zygmunt Bauman. Ele é sociólogo e filósofo. Tem muitas obras publicadas no Brasil, dentre elas, *Modernidade Líquida* e *Tempos Líquidos*, as quais serão a base para nossa exposição sobre o nosso tempo histórico.

alma. Bauman cita Ulrich Beck que se refere à modernidade como tendo “categorias zumbis” e “instituições zumbis”. Essas instituições são aquelas mortas e ainda “vivas” e a família é um exemplo disso. Vejamos o que diz Beck (apud Bauman, 2000, p. 13):

Pergunte-se o que é realmente uma família hoje em dia? O que significa? É claro que há crianças, meus filhos, nossos filhos. Mas, mesmo a paternidade e a maternidade, o núcleo da vida familiar, estão começando a se desintegrar no divórcio... Avós e avôs são incluídos e excluídos sem meios de participar nas decisões de seus filhos e filhas. Do ponto de vista de seus netos, o significado das avós e dos avôs tem que ser determinado por decisões e escolhas individuais.

Esse derretimento das relações humanas, essa fluidez, faz com que percamos os pontos estáveis que tínhamos para nos orientar, pois tínhamos padrões, códigos e regras aos quais podíamos nos conformar, mas agora, a menos que não nos afastemos da Bíblia, já não os temos. De acordo com Bauman, a fluidez passou do sistema para a sociedade, da política para as políticas da vida. Isso significa que desceu do nível macro para o do micro, ou seja, o do convívio social. E é dentro desse contexto que precisamos entender e pensar sobre os amigos que temos no Facebook.

É muito fácil aceitar uma amizade, mas, se não concordo com as ideias desse amigo, posso bloqueá-lo e nem sofro por esse amigo que perdi. Da mesma forma, ocorre com o WhatsApp. Se alguém me disse algo de que não gostei, posso, também, bloqueá-lo, e não ser importunada por essa pessoa. Todos os desejos de feliz aniversário são expressados por meio das redes e, cada vez mais, perdemos a convivência uns com os outros e vamos perdendo o sentido profundo de amar o próximo como a nós mesmos e, com isso, vamos nos esquecendo de “quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união” (Sl 133. 1).

Bauman, citando Lessing, diz que, na era moderna, fomos libertos da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna e com elas fora do nosso caminho, vivemos conforme os desejos do nosso coração. Se não foi Deus quem criou todo o universo e o homem e não há condenação eterna, o homem crê na sua capacidade de criação e de desenvolvimento e, por isso, o

aperfeiçoamento e o desenvolvimento tecnológicos não têm limites e, dessa forma, ser moderno “passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (BAUMAN, 2000, p. 40). Somos incapazes de ficar parados e ficamos sempre nos movendo porque somos incapazes de atingir a satisfação: “o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranquila movem-se rápido demais” (BAUMAN, 2000, p. 41). O resultado prático dessa incapacidade de se sentir satisfeito é, entre outras coisas, a frouxidão moral e o consumismo. Nunca foi tão comum a busca de notícias sobre a vida de pessoas públicas, mas notícias que dizem respeito às suas vidas privadas.

Entrevistas em redes de TV, vídeos no Youtube e nas redes sociais mostram confissões de pessoas famosas sobre seus deslizos, suas opções sexuais, suas traições etc. e isso tem sido modelo a seguir, visto que encoraja pessoas comuns a tomarem as mesmas decisões e a assumirem uma vida de pecado que, anteriormente, lutavam para rejeitar e não aceitar. São depoimentos desse tipo, marcados pela transgressão e pela frouxidão moral, que têm milhares de seguidores nas redes sociais e empolgam, principalmente, os jovens que se recusam a viver uma vida pura e modesta, conforme os ensinamentos de Jesus. (arrebentou)

Compramos comida, sapatos, automóveis e mobílias, mas também exemplos de vida que se tornaram famosos nas redes sociais. Queremos vencer e enriquecer como os modelos, os youtubers e a nossa exposição nas redes sociais, mostrando nosso corpo e nossos talentos artísticos, poderá fazer de nós pessoas tão bem sucedidas quanto aquelas cujos modelos seguimos e às quais queremos nos identificar. Já não queremos mais imitar Paulo, que era um imitador de Jesus Cristo, porque os valores de Jesus estão muito distantes do que anseiam os nossos corações. Essas pessoas que admiramos são famosas e conseguiram muito dinheiro e, por isso, possuem muitos bens. As empresas perceberam essa fragilidade humana e bombardeiam as pessoas com propagandas. Necessariamente, as pessoas já não se satisfazem com um modelo antigo de celular, mesmo que ele esteja em boas condições. A busca desenfreada pela compra é, segundo Bauman (2000, p. 105), “um ritual feito à luz do dia para

exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites”.

Com tudo isso em mente, vejamos como estamos distantes do modo de vida do apóstolo Paulo na ocasião em que escreveu para os filipenses com, entre outros objetivos, a intenção de lhes agradecer pela oferta que lhe haviam mandado: “não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fl 4. 11-13).

Depois de nos oferecer inteiramente a Deus, nos dispomos a nos despojar do nosso velho homem e a nos revestir do novo (Ef 4. 22-24). Esse despojamento implica na transformação da nossa mente. As nossas motivações devem ser expostas aos princípios expostos nas Escrituras Sagradas e reavaliados do ponto de vista da saúde psíquica e isso resultará numa vida abundante, visto que Jesus disse: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10. 10). Ter uma vida abundante significa ter tudo de que precisamos além da medida, mais do que o suficiente. Em Jesus, podemos ter alegria completa (Jo 15.11); paz que excede todo o entendimento (Fl 4.7); celeiros transbordantes (Mt 3.10-11) e certeza da salvação eterna (Ap 2.7; 11).

O apóstolo João, escrevendo ao presbítero Gaio, disse que gostaria que “te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como bem vai a tua alma” (3 Jo 2). Em Provérbios, aprendemos que “o coração com saúde é a vida da carne, mas a inveja é a podridão dos ossos” (14.30) e “o espírito do homem aliviará a sua enfermidade, mas ao espírito abatido, quem o levantará?” (18.14). As palavras de Deus “são vida para os que as acham e saúde, para o seu corpo” (Pv 4.22) e, por isso, “sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida” (Pv 4.23). Vejamos o comentário que Gordon MacDonald (2006) faz dessa passagem:

Com uma única sentença, esse escritor nos comunica uma admirável revelação. Chama de “coração” ao que eu chamo de “ponte de

comando". Ele vê o coração como uma nascente, e dá a entender que dessa nascente brotam as energias, o discernimento e as forças que não sucumbem à turbulência externa; pelo contrário, elas a derrotam. Guarde seu coração, diz, e ele se tornará uma fonte de vida, da qual poderão beber você e os outros.

Mas o que significa "guardar" o coração? Primeiro, o escritor mostra claramente sua preocupação em que o coração seja protegido de influências externas que possam prejudicá-lo. O escritor sagrado está focalizando também a força e o desenvolvimento que o coração precisa ter para aumentar sua capacidade de comunicar ordem à vida do indivíduo.

Do coração vem a nossa força, a nossa saúde. Para isso, é preciso protegê-lo de sentimentos ruins e destrutivos. Conseguimos isso por meio do perdão, do amor, da bondade, da paciência, da longanimidade. Um coração com saúde resulta numa vida interior ordenada. Se a vida interior é ordenada, conseguimos ordenar bem toda nossa vida externa, ou seja, nossa vida pública, a vida que as pessoas podem ver. Consideramos que, se decidimos cumprir o grande mandamento dado por Jesus que é amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos, estamos prontos para aceitar a Bíblia como Palavra de Deus revelada aos homens e, como Ele é o criador de todas as coisas e é Onipotente, Onisciente e Onipresente, cremos que Ele sabe tudo o que é bom para o nosso corpo, alma e espírito e, por isso, inspirou homens para escrever tudo aquilo de que necessitamos saber e aquilo que devemos obedecer para que tenhamos uma vida abundante em Jesus Cristo: "toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2 Tm 3.16).

As Escrituras Sagradas nos trazem uma pedagogia saudável e uma proposta de vida plena: aprendemos tudo o que é necessário para termos uma vida interior organizada e sossegada: "espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus" (1 Pe 3.4). Ela nos ensina, nos corrige e nos instrui na justiça. Os ensinamentos bíblicos são capazes de nos fazer ordenar os nossos caminhos: "pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam bem-ordenados!" (Pv 4. 26). Conseguimos isso se não declinarmos "nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal" (Pv 4. 27). Aqueles que têm prazer na Lei de

Deus e nela meditam dia e noite serão como “árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto na estação própria, e cujas folhas não caem, e tudo quanto fizer prosperará” (Sl 1. 2).

De acordo com John Babler (2017): “o relacionamento de uma pessoa com Deus não é apenas a fonte de vida para o homem, mas todos os demais aspectos da sua vida fluem desse relacionamento principal”. Dessa forma, o relacionamento com Deus “torna-se o ponto de origem, a partir do qual devem ser baseados todos os demais relacionamentos neste mundo” (BABLER et al. 2017, p. 99). Sendo assim, os problemas de relacionamentos enfrentados pelas pessoas não são problemas, apenas, entre indivíduos, mas, essencialmente, entre esses indivíduos e Deus. Pelo fato de o homem ser, inerentemente, pecador, ou seja, sua maldade já se encontra no seu interior, independente das circunstâncias externas, e se encontrar no seu estado de queda, aquilo de que ele primeiramente precisa é restabelecer a comunhão com Deus, prejudicada em razão do seu pecado e constante desobediência à Palavra de Deus.

De acordo com o profeta Isaías, na nossa conversão e no nosso repouso, está a nossa salvação e, no sossego e na nossa confiança em Deus, está a nossa força. Entretanto, segundo o profeta, a nação de Israel não quis isso (Is 30. 15). Por meio ainda desse profeta, Deus nos diz: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te ensina o que é útil e te guia pelo caminho que deves andar. Ah! Se tivesses dado ouvidos aos meus mandamentos! Então, seria a tua paz como o rio, e a tua justiça, como as ondas do mar” (Is 48. 17-18). “A lei do Senhor é perfeita e refrigera a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração; o mandamento do Senhor é puro e alumia os olhos” (Sl 19. 7-8). Se a Lei do Senhor é tudo isso e nos dá refrigério, descanso e alegria, por que haveríamos de não a cumprir? Quando não a cumprimos enfrentamos uma série de problemas emocionais e psicológicos que vão apontar a seguir.

4.1 VIDA EMOCIONAL/PSICOLÓGICA

Os problemas emocionais e psicológicos do homem, de forma geral, são abordados na Bíblia, visto serem problemas que dizem respeito ao interior

humano¹¹. Como foi Deus quem criou este homem e revelou a sua vontade por meio da sua Palavra, cremos que Ele tem conhecimento o bastante para lidar com esses problemas:

porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração e não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar (Hb 4. 12-13).

Não existe conhecimento humano capaz de penetrar no homem até a divisão da alma e do espírito, quem sabe este é o lugar do inconsciente que só Deus conhece, sendo essa uma importante discussão para a teologia cristã. A ciência consegue lidar com os aspectos físicos do homem porque pode tocar, pode fazer experiências, pode observar. Não é assim com a alma e com o espírito, embora a ciência numa abordagem fenomenológica observa isso. O homem é complexo e obra divina e, por isso, não pode ser compreendido a partir uma só forma de conhecimento. Ele sabe os pensamentos e as intenções e não há nada dentro de nós que Ele não saiba. Não há desenvolvimento científico capaz de discernir os pensamentos e as intenções do homem e a Bíblia diz que o homem que não é regenerado por Deus, por meio do sacrifício de Jesus e da ação do Espírito Santo, é mal porque “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3. 23).

Essa condição inerente de pecador gera no homem experiências dolorosas ao longo da sua existência tais como: ira, falta de perdão, amargura, ansiedade, pesar, imoralidade e impureza, orgulho e egoísmo e sofrimento. Falaremos, brevemente, sobre cada um desses pontos.

¹¹ Toda e qualquer categorização de doenças mentais registradas pelos centros especializados de psicologia não fogem às angústias e às ansiedades descritas na Palavra de Deus; todavia, quando não tratadas, se agravam a ponto de as pessoas cometerem suicídio ou se tornarem pessoas agressivas de difícil, muitas vezes impossível, convivência. Acreditar que surgem doenças da alma que não podem ser curadas pela Palavra de Deus é crer, mesmo que inconscientemente, que a Bíblia não é suficiente para lidar com os problemas da alma do homem. Ou cremos que a Bíblia é inspirada e suficiente ou não cremos. Se Deus é Onipotente, Onipresente e Onisciente, Ele, por certo, conhece os problemas humanos em qualquer tempo e em qualquer lugar. Além disso, não podemos nos esquecer de que a Palavra de Deus é eterna (Sl 119.89).

4.2 IRA, FALTA DE PERDÃO E AMARGURA

De acordo com Babler, “a ira é uma das muitas expressões de intensos sentimentos negativos/destrutivos em resposta ou reação a uma percepção de ter sido atacado ou ofendido” (BABLER et al. 2017, p. 313). Jesus nos ensinou que “o que sai do homem, isso é que contamina o homem. Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem” (Mc 7. 20-23). Na ira, a pessoa coloca para fora tudo que está dentro do seu coração: “o homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mal, do mau tesouro do seu coração, tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca” (Lc 6. 45).

A ira provoca mudança no semblante da pessoa: “por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?” Essa pergunta Deus fez a Caim (Gn 4.6). Dependendo do nível da ira, ela provoca aceleração dos batimentos cardíacos, tensão nos músculos, palavras duras e agressivas. De acordo com os ensinamentos de Provérbios, “a ira do louco se conhece no mesmo dia, mas o avisado encobre a afronta” (12. 16); “a resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira” (15.1); “o homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apaziguará a luta” (15. 18); “melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade” (16. 32); “a estultícia do homem perverterá o seu caminho, e o seu coração se irará contra o Senhor” (19.3); “o entendimento do homem retém a sua ira; e sua glória é passar sobre a transgressão” (19. 11); “pesada é a pedra, e a areia também; mas a ira do insensato é mais pesada do que elas ambas” (27. 3). De forma resumida, o que é sábio, o que tem entendimento, retém a sua ira, pois, por meio do Espírito Santo, consegue ter domínio próprio; porém o insensato, o tolo, o louco, sempre expande sua ira e provoca abalos em seus relacionamentos.

A ira não controlada progride para a falta de perdão e para a amargura. Com esses sentimentos, jamais conheceremos a vida abundante que Jesus dá. Ao contrário, serão sempre vencidos por Satanás: “e a quem perdoardes alguma coisa também eu; porque o que eu também perdoei, se é que tenho perdoado,

por amor de vós o fiz na presença de Cristo; para que não sejamos vencidos por Satanás” (2 Co 2. 10).

4.3 ANSIEDADE

Outro grande assunto que deve ter nossa atenção é a ansiedade. Em algumas situações que nos provocam medo, incerteza, insegurança, o sentimento de ansiedade é normal à condição humana. O problema é quando esse sentimento se torna grande demais e, portanto, desproporcional às circunstâncias externas. De acordo com Cheryl A. Bell et al., “as Escrituras descrevem essas reações como cuidado (Sl 55.22), coração aflito (Jo 14. 27), pensamentos ansiosos (Sl 139. 23,24) e muitas preocupações quanto à vida (Mt 2.25; Lc 10. 38-42)” (2017, p. 315). Os autores ainda citam os sintomas de ansiedade, segundo a *Mayo Clinic* (2017, p. 316): Sensação de apreensão; Sensação de impotência; Sensação de perigo iminente, pânico ou desgraça; Aumento do ritmo cardíaco; Respiração rápida (hiperventilação); Suor; Tremor; Sensação de fraqueza ou cansaço.

A Palavra do Senhor diz que “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Tm 1. 7). Também diz para nos humilhar “debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de nós” (1 Pe 5.7). Diante do que expõe a Palavra de Deus, Cheryl A. Bell et al. afirmam que há, nas Escrituras, uma relação estreita entre a nossa ansiedade e o medo exagerado, desproporcional. Além disso, que uma fé que não está firmada totalmente em Deus permite que o indivíduo tenha esse tipo de sentimento. Para os autores, a solução é temer a Deus, crescer na fé, confessar o orgulho e buscar a humildade e confessar a ansiedade como pecado.

O método bíblico eficaz no processo de mudança da nossa vida, conforme já mencionamos, é o ato de nos despojarmos do velho homem e nos revestirmos do novo, conforme nos ensina, explicitamente, o apóstolo Paulo na carta que escreveu à igreja de Éfeso: “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pela concupiscência do engano e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4. 22-24). Se nos revestirmos do

novo homem, quem mentia não mentirá mais; quem ficava irado conseguirá reter a ira e não a expandir; quem dava lugar ao diabo não dará mais; o que furtava começará a trabalhar e repartirá do que tem com os outros; quem falava palavras torpes passará a falar somente o que edifica. Sendo revestidos do novo homem, não mais entristeceremos o Espírito Santo e no nosso coração já não haverá “amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e malícia” (Ef 4. 32), pois tudo isso foi removido do coração.

A nova criatura é sempre benigna, misericordiosa, sempre perdoa quem a ofende, pois entende que foi perdoada por Jesus Cristo (Ef 4. 25-5.14). O fruto do Espírito demonstra sempre bondade, justiça e verdade. Quem é cheio do Espírito de Deus só pode demonstrar, nas ações, o que há dentro do coração. Da mesma forma, quem não tem o Espírito de Deus será conhecido pelas suas ações, que evidenciarão as obras da carne que, como o fruto do Espírito, claramente, se manifestam nas suas relações sociais e familiares.

4.4 PESAR, TRISTEZA

Outro tipo de sofrimento que temos é a tristeza. Todos nós, em alguns momentos da nossa vida, sentimos pesar. Segundo Cheryl A. Bell et alii (2017, p. 322), “pesar é o luto pela perda de alguém ou pela perda ou falta de algo”. Todos nós, quando perdemos entes queridos, temos nosso tempo de luto. Se perdermos bens materiais, poderemos ter nosso tempo de pesar pela perda. Portanto, se o problema do discipulando é algum tipo de pesar, ele precisa de consolo: “alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12.15).

Todavia, esse pesar não pode durar indefinidamente e nem se deve atribuir a Deus a responsabilidade pelas perdas e nem, muito menos, permitir que o relacionamento com Deus fique prejudicado pelo fato de se pensar que Deus não o livrou desse sofrimento. Quando isso ocorre, o discípulo precisa entender que pecou contra Deus e precisa restabelecer a plena comunhão com Ele. Nesse caso, com muito amor, o discipulando precisa ser exortado: “exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado” (Hb 3. 13).

4.5 IMORALIDADE E IMPUREZA

O apóstolo Paulo ensina aos romanos que o pecado não deve reinar em nossos corpos. Não devemos obedecer às nossas concupiscências, ou seja, aos nossos desejos carnis. Isso significa que não devemos apresentar nossos membros “ao pecado por instrumentos de iniquidade” (Rm 6. 12,13). Ele explica ainda que o pecado não terá domínio sobre nós, pois não estamos debaixo da lei, mas da graça. Isso significa que, por meio da regeneração, conseguimos purificar os nossos pensamentos e desejos, pelo conhecimento da palavra: “vós já estais limpos, pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3) e, tendo feito isso, o pecado não será consumado.

Tiago nos ensina que, primeiro, o desejo pecaminoso é concebido e, posteriormente, dá “à luz o pecado; e o pecado sendo consumado, gera a morte” (Tg 1.15). Nossa tarefa constante é termos o nosso coração purificado. Não é dele que procedem as saídas da vida? E como faremos isso? O salmista nos responde: “observando-o conforme a tua palavra” (Sl 119. 9). Sem a Palavra de Deus, não conseguimos limpar o nosso coração e, necessariamente, devemos limpá-lo, pois “bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus” (Mt 5.8).

4.6 ORGULHO E EGOÍSMO

Segundo Steve Gallagher (2008, p. 13), o orgulho significa “ter um conceito exagerado de sua própria importância e uma preocupação egoísta com seus próprios direitos. É uma atitude que diz: ‘Sou mais importante que você e, se necessário, irei promover minha causa e proteger meus direitos em detrimento dos seus’”. Ainda segundo esse autor,

o orgulho é algo tão natural para o homem caído que brota em seu coração como ervas daninhas em um jardim regado ou como juncos em um brejo. É um pecado que se impregna e que cobre tudo, como a poeira nas estradas ou a farinha nos moinhos. Sua presença sempre é maligna. Você pode até conseguir capturar essa raposinha, e pensar que a destruiu, mas “surpresa!”, pode acabar se orgulhando disso. Ninguém tem mais orgulho do que os que sonham que não têm nenhum. O orgulho é um pecado com mil vidas, parece impossível matá-lo (GALLAGHER, 2008, p. 13).

O que a Bíblia nos ensina sobre os orgulhosos é que Deus resiste a eles: “Deus resiste aos soberbos, dá, porém, graça aos humildes”; por isso, o caminho

ideal é “senti as vossas misérias, e lamentai, e chorai; converta-se o vosso riso em pranto, e o vosso gozo, em tristeza. Humilhai-vos perante o Senhor, e ele vos exaltará” (Tg 6-10).

O oposto do orgulho e do egoísmo, e a melhor opção, é a humildade. Devemos nos humilhar perante o Senhor, reconhecendo que, sem Ele, não somos nada e não podemos fazer nada. Devemos compreender as limitações humanas, por mais poderosos que sejam alguns homens, terão o mesmo fim: a morte física, pois a condição humana é limitada por tempo e por espaço. E, além disso, devemos nos humilhar a nós mesmos diante de Deus porque foi esse o sentimento de Jesus.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos filipenses, disse que deveria haver neles o mesmo sentimento que houve em Jesus Cristo que, sendo Deus, não usurpou do fato de ser igual a Deus. Mas, ao contrário, ele aniquilou-se a si mesmo, e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo homem, humilhou-se ainda mais, visto que foi obediente e se dispôs a morrer na cruz como se fosse um malfeitor. Todavia, porque Ele se humilhou dessa forma, “Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome” (Fl 2.5-11). Todos os discípulos de Jesus devem ter o mesmo sentimento que houve nele: disposição de colocar os interesses do Reino de Deus acima de quaisquer interesses pessoais.

4.7 SOFRIMENTO

O sofrimento, sentido por meio de angústia, pode ser físico, mental e emocional ou conjugar essas três dimensões. Na Bíblia, é identificado como provações (Tg 1.2-4); aflições (Jo 16.33); tentações (Tg 1.13-15); fogo ardente (1 Pe 4. 12,13). Nossa grande expectativa futura é o estabelecimento do Reino de Deus em todo o universo, pois, nesse tempo, viveremos cheios de paz e de alegria na cidade de Jerusalém e “nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor” (Is 65. 19). Todavia, até que esse dia chegue, por mais que tenhamos paz e alegria em Jesus, no mundo, teremos aflições (Jo 16.33). Os discípulos de Jesus precisam saber disso e precisam saber lidar com o sofrimento sem chegar ao desespero: “amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos

tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo” (1 Pe 4. 12,13).

De acordo com Steve Gallagher et alii (2008, p. 329), há três causas para o sofrimento: “o pecado pessoal, o pecado dos outros e o mundo corrompido pelo pecado”. Os nossos pecados devemos assumir, confessar e deixar. Mas, infelizmente, também podemos sofrer por conta dos pecados de pessoas que fazem parte do nosso convívio. Nesse caso, a Palavra de Deus nos consola por meio do apóstolo Pedro. Ele nos explica que, se sofrermos, mesmo fazendo o bem, estamos seguindo o exemplo de Jesus que “padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas” (1 Pe 2. 18-24).

Os desastres naturais também fazem as pessoas sofrerem, pois podem perder bens materiais e vidas podem ser ceifadas ou feridas. Por conta dessas dificuldades que encontramos na vida, a satisfação plena do servo de Deus está na certeza de fazer parte de um Reino onde não haverá nenhum desses sofrimentos. Que estamos todos sujeitos a esses sofrimentos é fato, a questão é como reagimos a eles. Para Steve Gallagher et alii (2008, p. 332),

nas Escrituras, Deus deixa claro que respondemos a Ele de uma maneira ou de outra à medida que a crise produzida pelo sofrimento expõe nosso coração. Embora possamos culpar nossas circunstâncias pelas respostas que damos, Deus deixa claro que essas circunstâncias revelam o que já está em nós. Confiamos em Deus e O buscamos, ou confiamos em nosso próprio entendimento, nossos caminhos e recursos (Pv 3.5-7; Os 10.12,13).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tomamos por base o sistema de personalidade sistematizado por Freud, na psicanálise, entendemos a luta que se trava no homem no que diz respeito aos seus instintos, pulsões, e o que a lei do Senhor diz. Não desconsideramos a possibilidade de pensarmos no *id*, como os instintos, desejos do nosso corpo, as concupiscências do coração, e o superego, relacionado ao nosso espírito que apreende os princípios da lei de Deus e anseia por Ele. Esse duelo é travado na alma, nosso *ego*, que, ao mesmo tempo que se vê inclinada a

atender aos anseios do espírito, se vê reduzida aos desejos da carne, aos impulsos do id. O aspecto racional da nossa personalidade quer, sempre, refrear os nossos instintos e, nesse processo, desejos não satisfeitos, de fato, geram sofrimento e o sentimento de culpa quando sabemos que transgredimos a lei do Senhor. Daí que, ao invés de a lei do Senhor ser entendida como refrigério para a alma, é entendida como o que provoca o sentimento de culpa. Níveis de problemas emocionais e/ou psicológicos se tornam muito mais intensos quando o *ego* deixa de regular os desejos do id, desconsiderando totalmente as ordens do *superego*.

Nesse caso, pensando no funcionamento psíquico, a partir da quantidade de energia que alimenta os processos psíquicos, sua natureza e sua forma de funcionamento, bem como às forças que entram em conflito e estão sempre ativas cuja origem é a pulsão, vemos que a falta de regulação do id origina a pulsão de morte, que pode ser autodestrutiva, e a regulação dele gera a pulsão de vida, o que nos lembra as palavras do Senhor: “te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida para que vivas” (Dt 30.19). Não se alcança uma vida psíquica estruturada fora do novo nascimento em Cristo e a falta de compreensão e aceitação disso, levam muitos a criarem seus mecanismos de defesa para tentar justificar o que é injustificável diante de Deus.

Se tanto a Psicologia, quanto a Teologia lidam com o que não é passível de verificação empírica, qual é o problema da falta de verificação em laboratório das verdades bíblicas? Se observarmos a realidade, as relações sociais, os conflitos atuais, a falta de saúde mental nas pessoas, vistas nas crises de ansiedade, de pânico, de depressão, veremos que a Bíblia se mostra verdadeira à medida que a realidade revela o nível de desajuste nas relações humanas no mundo cujos valores se afastaram dos princípios da Palavra de Deus e, visto que ela é verdade, mesmo que a desconsiderem, os resultados que ela descreve para vidas que não consideram seus preceitos serão verdade nas vidas das pessoas. E o resultado que vemos são as crises nos mais diversos níveis e os níveis de violência, de autodestruição e destruição do outro, cada vez mais crescentes, ou seja, a pulsão de morte tem sido maior que a de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BABLER, John e Ellen Nicolas (Org.). **Fundamentos teológicos do Aconselhamento Bíblico e suas aplicações práticas**. São Paulo: Nutra Publicações, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; FURTADO, Odair. **Psicologias – Uma introdução ao Estudo de Psicologia**. 15. Ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

GALLAGHER, Steve. **O poder da humildade**. Trad. Daniela Valente. Rio de Janeiro: Propósito Eterno Editora, 2008.

GRANGEIRO, Alessandra e FERREIRA, Meire. **Discipulador: sua base e seu crescimento**. Goiânia: Editora Visão, 2019.

MACDONALD, Gordon. **Ponha ordem no seu mundo interior**. São Paulo: Editora Betânia, 2006.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. 4. Ed. São Paulo: Cengage, 2019.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**. São Paulo: FTD Educação, 2017.

VOX FAIFAE

REVISTA DE TEOLOGIA DA FACULDADE FASSEB

